

# O lugar dos Grandes Mestres

## Educação

*A tarefa do professor é um fator decisivo na vida da academia, responsável pela formação profissional e humana de sucessivas gerações*

TEXTO **JACIRA CABRAL DA SILVEIRA**

FOTOS **FLÁVIO DUTRA E ACERVO MUSEU DA UFRGS**

ILUSTRAÇÕES **BIANCA PINHEIRO / NÍQ**

A memória dos alunos será sempre o lugar dos Grandes Mestres. Durante uma série de entrevistas com professores eméritos da UFRGS, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Universidade, o nome de quatro docentes se repetiu ao longo das conversas como sendo fundamentais na formação intelectual e política de cada um dos entrevistados. Os professores lembrados foram: Graciema Pacheco (1910-1999), Ernani Maria Fiori (1914-1985), Gerd Alberto Bornheim (1929-2002) e Leônidas Xausa (1932-1998).

Ao resgatar a história desses Grandes Mestres da UFRGS, o *Jornal da Universidade* comemora seus 15 anos de existência lançando o *Caderno JU*. A cada edição, o caderno trará um assunto diferente com uma abordagem jornalística aprofundada. A escolha do tema de estreia procurou lançar luz sobre a tarefa docente como aspecto central na vida da academia, responsável pela formação profissional e humana de gerações que têm se destacado no cenário nacional e internacional em diferentes áreas do conhecimento.

Ao serem mencionados os nomes de Graciema, Ernani, Gerd e Leônidas, faz-se um recorte no tempo da vida social e política brasileira que coincide com os anos de chumbo da ditadura militar. Dentro desse contexto, três dos quatro professores mencionados sofreram o expurgo, sendo afastados da UFRGS pelas ideias externadas em sala de aula, ou por suas posições de apoio ou negociação com estudantes em greve. Outra marca do perfil desses docentes é que todos tiveram uma formação humanista como Direito, Filosofia e Didática, tendo ministrado suas aulas no antigo prédio da Filosofia – por esse motivo escolhido para ilustrar a capa desta edição.

Entretanto, a Universidade também exerceu forte influência na sociedade gaúcha naquela época em outras as áreas. Além dos professores homenageados neste caderno, houve um grande número de docentes de outros campos do conhecimento que marcaram a história rio-grandense e brasileira. A Escola de Engenharia, por exemplo, foi determinante na formação de profissionais ligados à construção de estradas e ferrovias.

O curso de Medicina é outro exemplo influente na expansão, tanto profissional quanto estrutural da saúde no estado: em 1961, foi criado o Departamento de Cirurgia, que reuniu diversas cátedras e deu início à cirurgia

cardiovascular no estado. Sete anos depois, seria inaugurado o Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Considerando o período escolhido, os cursos de Direito e Engenharia formariam futuros personagens da vida política no Brasil ainda que em polos opostos, como Leonel Brizola e Ildo Meneghetti, ambos graduados na Escola de Engenharia e personagens centrais nas turbulentas décadas de 1960 e 1970. Brizola (PTB) era governador do Rio Grande do Sul quando da renúncia do presidente Jânio Quadros, em agosto de 1961, e liderou a campanha da Legalidade que reivindicava a posse de João Goulart, vice de Jânio. Do outro lado, Ildo Meneghetti (PSD), governador do estado na deflagração do golpe de 1964, era apoiado por uma sigla que reunia todos os partidos conservadores gaúchos, a Ação Democrática Popular (ADP).

Nas ruas, as passeatas de recepção aos calouros da UFRGS destacavam-se como as principais formas de protesto do movimento estudantil, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Segundo a professora do departamento de História da UFRGS, Cláudia Wasserman, essas passeatas “eram marcadas pelo humor e satirizavam os principais alcoses da ditadura no país e no estado”.

A maior manifestação estudantil do período ocorreu em agosto de 1968 e ficou conhecida como o Protesto da Catedral, quando estudantes tentaram ocupar a Praça da Matriz e foram duramente reprimidos pela Brigada Militar. Eles estavam “embalados pelos protestos de maio na França e pela morte de Edson Luís [primeiro estudante morto pela ditadura] no Rio de Janeiro”, explica a professora.

Anos antes, em 1962, outra manifestação estudantil marcaria a vida acadêmica da UFRGS. Foi a Greve do Um Terço, considerada a maior luta pela democratização da universidade brasileira. Dirigida pela União Nacional dos Estudantes (UNE), a mobilização exigia que cada uma das categorias ocupasse 1/3 das cadeiras dos conselhos universitários. Foi uma greve histórica que durou 85 dias, paralisando todas as universidades federais no país.

Até então, Fiori era considerado um professor brilhante, mas conservador. Porém, sua atitude nesse episódio representou uma guinada em sua vida docente. Essa mudança e tantas outras histórias que fizeram de Graciema, Fiori, Bornheim e Xausa os Grandes Mestres da UFRGS de várias gerações está brevemente contada nesta primeira edição do *Caderno JU*.

A fachada do prédio que abrigou a antiga Faculdade de Filosofia em foto de 1953



# Desafiados por Graciema Pacheco

Getúlio Vargas nomeou Graciema Pacheco para a cátedra de Didática da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul em 1947, que concentrava todos os cursos de licenciatura, inclusive o de Pedagogia, no qual ela já ministrava a disciplina de Psicologia desde 1945. A possibilidade de atuar junto a diferentes cursos, fez com que Graciema marcasse a formação e a prática profissional de várias gerações.

“Em certo momento, ela muda minha cabeça como educador”, comenta o professor emérito da UFRGS, Luiz Osvaldo Leite, referindo-se às aulas que teve com a docente de 1956 a 1957, quando se licenciou em Filosofia. “Eu venho de uma geração em que as aulas eram expositivas até no curso secundário. Mas Graciema me ensinou o seguinte: ensinar não é só ensinar, existe sempre uma dupla relação. Só há ensinar quando há o aprender. A relação professor e aluno. Precisa alguém para ensinar e alguém para aprender”, repete as palavras de sua mestra.

Merion Bordas, também professora emérita da Universidade e ex-diretora da Faculdade de Educação (Faced), não só estudou com Graciema como foi convidada por ela para ser uma de suas assistentes na disciplina de Didática. “Era típico dela começar a aula e, lá pelas tantas, dizer ‘agora continua minha filha’, e a gente tinha que continuar”, recorda. Embora sempre provocassem um frio na barriga, esses momentos desafiadores serviram para que as assistentes intensificassem seus estudos ao prepararem as aulas de didática por noites a fio. “Mas ela fugia do planejamento e tínhamos que inventar na hora”, acrescenta.

Antes mesmo de atuar como catedrática, Graciema já dera aula no Instituto de Edu-

cação General Flores da Cunha, onde era responsável pela disciplina de Psicologia, área que estudara durante sua formação na Escola Complementar. Na década de 1920, após concluir o curso Normal, fez um aperfeiçoamento filiado ao movimento de renovação dos conhecimentos em educação. Esse movimento era ligado a um grupo de Jean Piaget, cujas primeiras obras estavam sendo publicadas, causando grande repercussão, sobretudo na psicologia genética. “Fui eu que falei pela primeira vez nele [no Rio Grande do Sul]”, disse certa vez Graciema numa entrevista, gabando-se por conseguir as obras do autor suíço através do Instituto Jean-Jacques Rousseau.

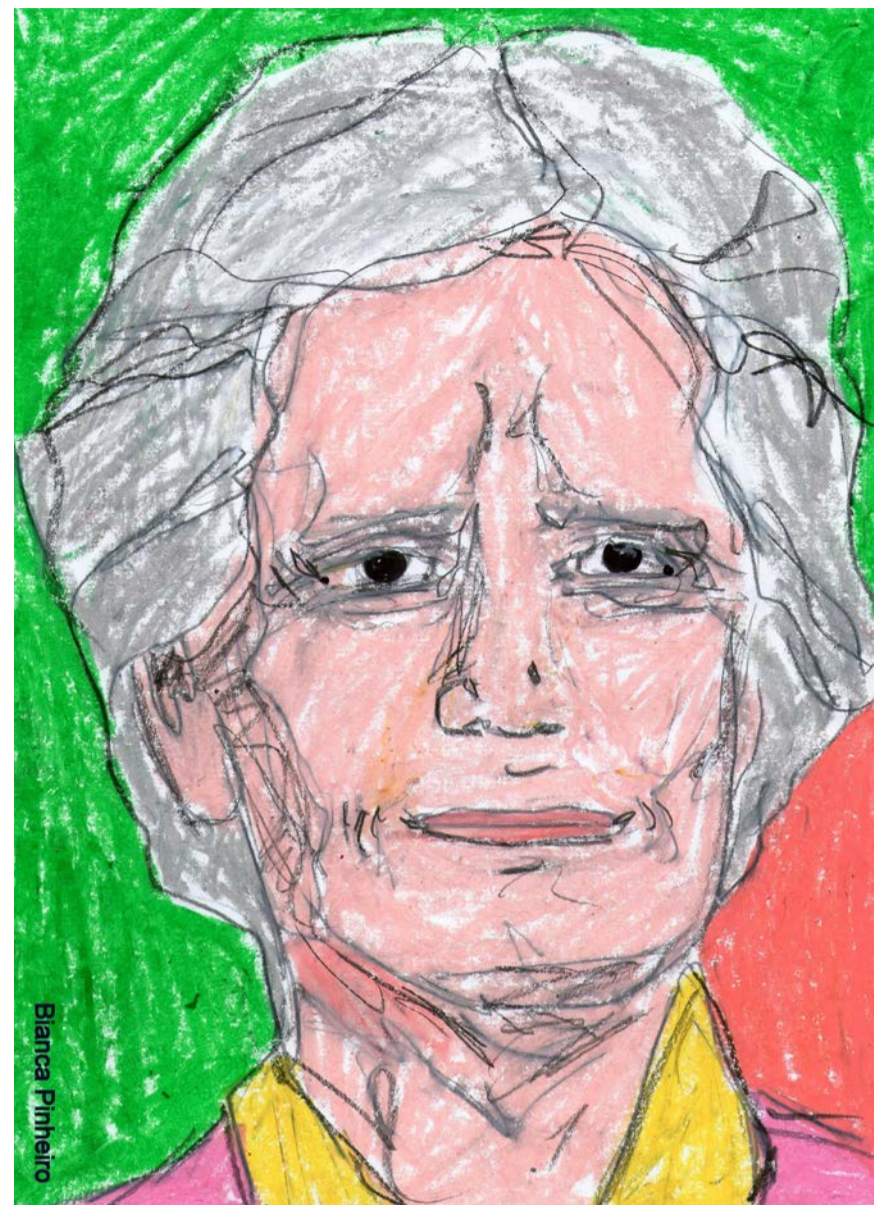
O interesse pela pesquisa em educação foi um dos fatores que impulsionaram Graciema a fundar, em 1953, o Colégio de Aplicação, do qual foi diretora por 28 anos. Um de seus objetivos era transformá-lo num centro de pesquisa para onde levava suas alunas que se destacavam na disciplina de didática. “Era uma honra trabalhar com ela no Aplicação”, salienta Merion, que lecionou naquela instituição à convite de sua professora. “O Colégio era uma espécie de pós-graduação. Tanto o grupo de alunos como o de professores era diferenciado. Todos os meninos da época vinham de famílias intelectualmente desenvolvidas e os docentes eram muito exigidos”, contextualiza.

“A disciplina do Colégio, sobretudo no trabalho, marcou profundamente a minha atividade, inclusive no curso superior”, declara Donald Schüller, professor emérito da UFRGS. “Nós não tínhamos livro didático e os programas de ensino eram construídos dentro de algumas regras estabelecidas com os próprios alunos. Eles eram participantes

do seu processo de educação”, lembra Donald ao relatar a sistemática do trabalho desenvolvido no Aplicação.

Entretanto, contrariando esse perfil inovador quanto às questões de aprendizado, Graciema tinha comportamentos conservadores, que denotavam sua formação moral católica. Na avaliação de Leite, esse teria sido o motivo de a professora ter saído ileso do período militar, que vitimou os demais mestres relacionados neste Caderno. “Em termos políticos era mais conservadora, mas foi revolucionária em educação”, reconhece.

Merion também tem exemplos nesse sentido. Ela conta sobre o dia em que Graciema, ao vê-la com um vestido sem mangas e decotado, perguntou-lhe: “Minha filha, quem sabe tu colocas um bolerinho”. Muito jovem e bonita, ela apenas sorriu constrangida. “Ela era toda exigente com relação à roupa. A gente tinha que se vestir absolutamente sem charme, feito freira”, acrescenta, mas reconhece que esse era o pensamento vigente nas escolas de magistério, e que não era uma ideia exclusiva de sua professora. Até porque: “Dona Graciema tinha coisas muito especiais, ela marcou nossa geração”.



Bianca Pinheiro

Ensinar não é só ensinar, existe sempre uma dupla relação. Só há ensinar quando há o aprender



Bianca Pinheiro

# O brilhante Ernani Fiori

“A Universidade deve iniciar, em seu próprio plano, a democratização que queremos estender a todos os setores da vida social. E se pretendemos, sinceramente, a democratização da vida econômica, da vida política, da vida social, então, senhores universitários, comecemos desfaldando a democratização da cultura.” Esse trecho é parte da palestra que Ernani Maria Fiori, então diretor da Faculdade de Filosofia da UFRGS, proferiu no Seminário de Reforma Universitária, a convite da União Estadual dos Estudantes do Rio Grande do Sul (UEE) em junho de 1962.

Fiori buscava dialogar com os estudantes, comentando os pontos principais de suas reivindicações externadas na Greve do Um Terço, mobilização que exigia que cada uma das categorias (alunos, técnicos e docentes) ocupasse 1/3 das cadeiras nos conselhos universitários.

Na avaliação do professor Luiz Osvaldo Leite, colega e amigo de Fiori, a conversão do diretor a um pensamento mais de esquerda decorreu da convivência com os filhos já universitários e militantes da greve.

Essa conferência iria marcá-lo completamente, provocando grande repercussão entre os seus colegas professores que romperam com ele. Todos, seus antigos amigos de juventude, colegas anchietanos e congregados marianos: Aldo Magalhães, Armando Câmara e Laudelino Medeiros. Este último participaria da comissão de inquérito constituída em 1965 na Universidade, que definiu Fiori como “comunista da ala católica” que “liderava a ação dos comunistas na Faculdade de Filosofia”. Mas Laudelino renunciou quando teve de enfrentar seu colega como réu na comissão. Ao final da investigação, Fiori foi expurgado sem direito a salário ou aposentadoria.

No mesmo ano, ele seria convidado pelo reitor da UnB para assumir o departamento de Filosofia, sendo demitido poucos meses depois devido a pressões políticas. Mais de 200 professores, inclusive o reitor pediram demissão depois desse episódio. Ainda em 1965, Fiori é exilado no Chile.

“Ele não era comunista”, garante Leite, pelo contrário, era católico praticante e não se sentia constrangido com isso. “Todos sabiam que ele tinha por hábito ir à igreja aos domingos, e que frequentava a procissão de Corpus Christi”, diz o amigo.

“Ele era extraordinário, não só pela didática, ou pela maneira como sabia expor a matéria, mas também pelo relacionamento que mantinha com os alunos. Era muito acolhedor”, recorda José Neri da Silveira, professor emérito da UFRGS e que também estudou com Fiori. “Era um professor no sentido próprio da palavra”, define.

Brilhante, mas difícil, garante Merion Bordas, também ex-aluna de Fiori. Ela recorda o primeiro

dia de aula da disciplina de Introdução à Filosofia, para os calouros do primeiro ano, em 1958: “Ele chegou à aula e disse que queria conhecer o grupo. Perguntou quem sabia ler em francês, a maioria levantou o dedo, éramos cerca de 30. E alemão? Os que eram da colônia levantaram a mão. E grego? Não tinha ninguém. Ele então nos olhou fixamente e disse: ‘Como vocês querem estudar Filosofia se não conhecem alemão, grego e latim’. Era um professor muito exigente”, afirma.

Assim como seus contemporâneos, Fiori não deixou obras escritas. De acordo com Leite, em seu estudo sobre *Gaúchos Filósofos*, no qual pesquisou os pensadores do estado entre as décadas de 1970 e 1980, esses filósofos eram socráticos e sua preocupação exclusiva era lecionar.

Luiz Gilberto Kronbauer, estudioso do pensamento filosófico e pedagógico de Fiori, afirma que o professor publicou pouquíssimos textos sistemáticos, sendo que a maioria deles está reunida nos livros *Textos Escolhidos I e II*, lançados pela L&PM. “No entanto, ele pensou filosoficamente a vida desde muito jovem. Já em 1934, em seu artigo *Universidade e Usina*, demonstrava grande preocupação com os problemas sociais”, contribui.

Preocupações que o aproximaram ainda mais do educador Paulo Freire, a quem conhecera na década de 50 e com quem conviveu durante seu exílio no Chile. Em entrevista à revista *Educação e Realidade*, Freire descreve Fiori: “Se você me pergunta agora os temas básicos sobre os quais conversamos naquele dia, naquela manhã dos anos 50, eu não saberia dizer. (...) mas, quando deixei a casa de Ernani, trouxe comigo algumas convicções: a primeira é de que eu havia conhecido um homem extraordinário(...); a outra convicção era de que eu iniciara uma nova amizade”.

A Universidade deve iniciar, em seu próprio plano, a democratização que queremos estender a todos os setores da vida social

“Sabes o que é um professor começar a dar aula e os alunos ficarem totalmente parados, estáticos e, quando ele termina, ninguém se mexeu ainda?” Assim eram as aulas de Gerd Alberto Bornheim, na avaliação de Merion Bordas, ex-diretora da Faculdade de Educação (Faced) e aluna de Gerd. De aparência elegante, o caxiense despertava suspiros de suas alunas. Entretanto, era o brilhantismo de suas explicações que atraía o interesse de suas turmas na Faculdade de Filosofia: “É muito bonito e raro ter aulas desse modo. O Xausa também era assim. O mesmo se pode dizer do Eloy Julius Garcia. São professores que gostam da vida e gostam de gente. A primeira coisa que uma pessoa tem que gostar para ser professor é de gente”, garante Merion.

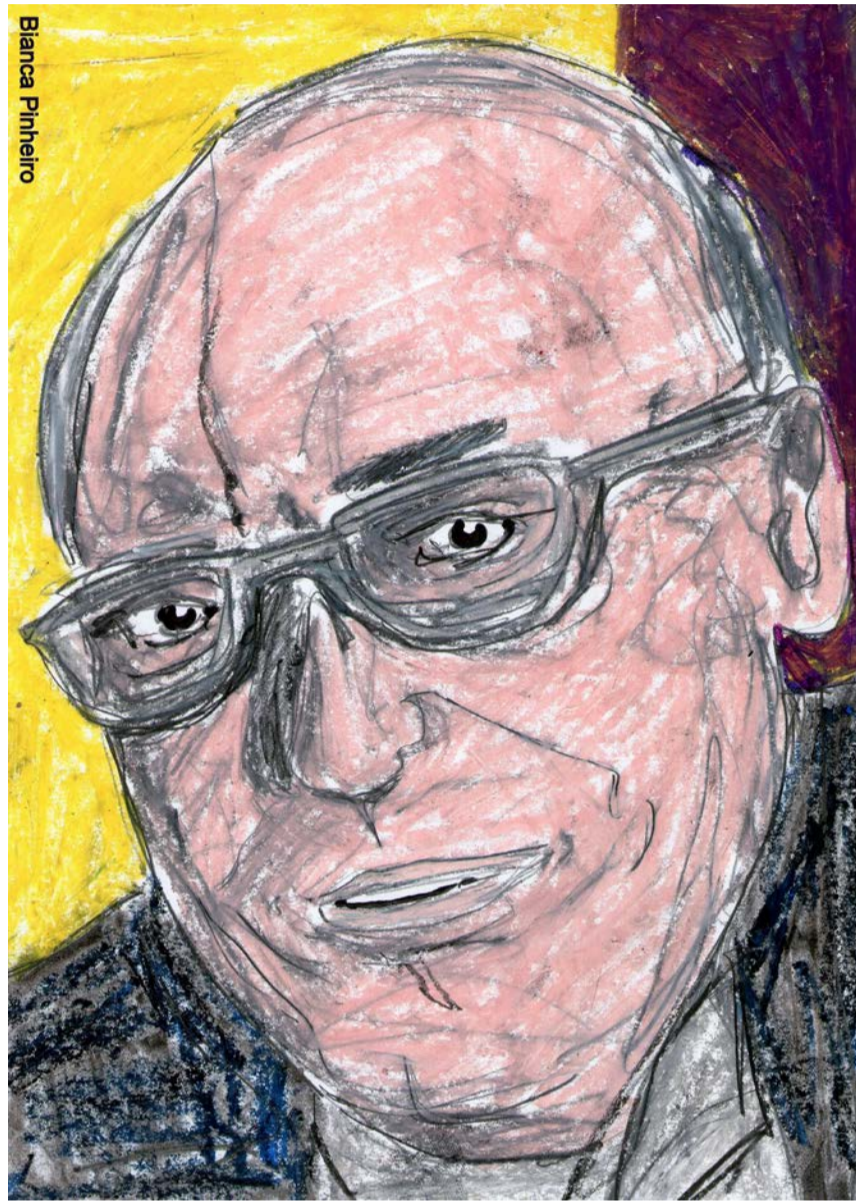
Gerd formou-se em Filosofia pela PUCRS, curso que se caracterizava por sua vertente tomista (doutrina cristã e metodologicamente rígida). Depois de graduado, fez concurso e ingressou na UFRGS. Mas tarde, foi estudar na Alemanha, entrando em contato com o pensamento existencialista europeu, cujos principais expoentes eram Martin Heidegger (1889-1976) e Karl Theodor Jaspers (1883-1969). De passagem pela França, ele passa a ler Jean-Paul Sartre (1905-1980), para quem o tema Deus sequer devia ser levantado.

Ao regressar ao Brasil, em 1955, para lecionar Filosofia na UFRGS, ele é muito cauteloso ao expor suas ideias. Até 1957-58 o tomismo dominava o pensamento nas faculdades de filosofia, mas isso começa a mudar com a força do pensamento de Gerd (existencialista) e também com Valério Rohden, que estudou na Itália e tornou-se um dos maiores especialistas brasileiros na filosofia de Immanuel Kant.

A partir de 1958-59 o movimento estudantil e muitos professores se tornaram marxistas. Nesse período, todos os centros acadêmicos elegem alunos comunistas para suas direções, e os estudantes passam a apoiar os professores de esquerda. “Nesse contexto, como o Gerd na Filosofia era uma voz dissonante com relação ao tomismo, ele passou a ser denominado como de esquerda. Ele foi a grande linha dissonante”, relata Luiz Osvaldo Leite, professor emérito da UFRGS.

Em novembro de 1969 Gerd foi cassado, não porque tivesse algum envolvimento com organizações políticas clandestinas, mas porque suas ideias influenciavam os jovens universitários que integravam o movimento de resistência à ditadura militar. Com a repressão que se desenvolve após o golpe de 1964 e se agrava no fim de 1968, com a edição do AI-5, Gerd acaba impedido

# A filosofia e a arte de Gerd Bornheim



Bianca Pinheiro

de trabalhar como professor. Para sobreviver, passa dois anos lecionando em um curso pré-vestibular e todos os meses é chamado a depor na Polícia Federal.

Quando o Instituto de Filosofia da Universidade de Frankfurt o convida para dar aulas, em 1972, ele aceita e se vincula à universidade alemã durante um semestre letivo. Depois, segue para Paris, onde mora por quatro anos, dando aulas de alemão e cuidando da organização de uma galeria de arte no Boulevard Saint-Germain. Retornando ao Brasil, em 1976, não volta a dar aula na UFRGS. Com a anistia, em 1979, é convidado a lecionar filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na qual permanece até 1991, quando se aposenta. No entanto, sua vocação para o magistério o leva novamente para a sala de aula e ele ingressa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) ainda nos anos 90.

Ao contrário de seus colegas em destaque neste caderno, Gerd deixou um grande número de trabalhos publicados, entre os anos de 1959 e 1998, tematizando especialmente a filosofia e a arte. Em 2002, ano de seu falecimento, a Folha de S. Paulo escreveria sobre o filósofo-professor: “Dentre os filósofos brasileiros, Gerd Bornheim foi o mais querido pela gente de teatro. Tinha como ninguém o prazer do espetáculo, a admiração pela forma transitória da cena, por uma ficção condicionada à presença física dos atores”. Saía de cena mais um grande mestre.

**Dentre os filósofos brasileiros, ele foi o mais querido pela gente de teatro**

# Leônidas Xausa era um visionário



Bianca Pinheiro

**Ele marcou uma geração e estimulou a vocação acadêmica em muitos dos seus alunos**

Leônidas Xausa Filho lembra-se de seu pai preparando as aulas à noite e nos finais de semana. Ficava durante horas lendo em sua biblioteca pessoal, fazendo anotações para sua disciplina de Ciência Política na Faculdade de Filosofia da UFRGS. Nas prateleiras, mais de três mil obras com edições em diferentes idiomas, algumas trazidas do tempo em que fez pós-graduação em Direito Público do Governo na Columbia University, em Nova York, na década de 60. Essa biblioteca, após sua morte em 1998, foi doada pela família para o Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade.

Nos finais de tarde e no início da noite, era comum o professor receber seus alunos mais próximos para ampliar as discussões abordadas em sua disciplina. “Reuníamos-nos geralmente à noite e, enquanto

esperávamos que ele terminasse o jantar, ficávamos em sua biblioteca folheando e explorando avidamente seus livros”, recorda Helgio Trindade, ex-reitor e professor emérito da UFRGS, sucessor de Xausa como titular de Ciência Política.

“Ciência Política, era a paixão de meu pai”, conta Leônidas Filho, “nenhuma outra atividade lhe dava maior satisfação do que estar em sala de aula”, completa. Por isso, foi extremamente doloroso para o professor ser afastado arbitrariamente de sua carreira docente em 1969, quando foi expurgado da Universidade pela ditadura militar. Ele foi o único do Departamento de Ciências Sociais atingido pela ditadura militar por protestar e solidarizar-se, publicamente com os professores de sociologia e política da USP aposentados pelo regime: Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso e Otávio Ianni.

Segundo Helgio Trindade, seu mestre e amigo combinava domínio da matéria com carisma pessoal e brilhantismo verbal. Sua disciplina de Política era a única que fazia parte, nos anos 60, do curso de Ciências Sociais sob a hegemonia da Sociologia de Laudelino Medeiros e sua equipe de assistentes. As aulas de Xausa tratavam de Teoria Política Grega.

“O prestígio do seu curso atraía uma centena de alunos de outras áreas (da Filosofia, da História, do Direito, da Economia, etc.), que se apinhavam na maior sala da Faculdade de Filosofia (310). Ele foi um mestre que marcou uma geração e estimulou a vocação acadêmica em muitos dos seus alunos que fizeram carreira na UFRGS e em outras universidades”, registra Trindade. “Ele mudava a ideologia das pessoas. Eu era uma conservadora quando entrei

e também mudei”, atesta Maria Helena Veit, professora emérita.

Essa relação contínua entre o mestre e seus discípulos, acalentou os primeiros sonhos de expansão da cadeira de Política, estimulando um grupo de ex-alunos a fazerem seu doutorado no exterior: Helgio Trindade, na Université de Paris I (França); Francisco Ferraz, em Princeton (EUA); Benicio Schmidt, em Stanford (EUA); Plínio Dentzien, na University of Michigan (EUA).

Trindade lembra que o primeiro projeto de pesquisa sobre comportamento político e eleitoral resultou da capacidade de Xausa em obter, por cinco anos, apoio financeiro da Fundação Ford. “A história do departamento e da pós-graduação, com a participação de sucessivas gerações de professores, tem sua origem na inspiração de um mestre visionário que estabeleceu as bases de um processo institucional e acadêmico de longa duração”, destaca o professor, atualmente reitor da Universidade Federal da Integração Latino-americana (Unila).

Originalmente, Xausa foi filiado ao Partido Democrata Cristão (PDC), tendo sido vereador em Porto Alegre e secretário de governo do prefeito Loureiro da Silva (1937-1943). Mas um infarto aos 29 anos interrompeu sua promissora carreira política. Resignado com impossibilidade de dedicar-se à vida partidária, decide fazer pós-graduação na Columbia University. A radicalização política da década de 60 leva-o a identificar-se com a ala da esquerda do PDC e a aderir à Ação Popular (AP), grupo de esquerda católica que teve presença hegemônica no movimento estudantil gaúcho e nacional. Mas “Xausa foi um professor por excelência”, encerra Trindade.

“*O domínio do conteúdo, bem como a fluência em abordá-lo em sala de aula, ainda são condições importantes para ser professor universitário*”

# Aulas magnas



Em 1964, Merion Campos Bordas graduou-se na Licenciatura em Filosofia pela UFRGS. Foi aluna de Ernani Fiori, de Gerd Bornheim e de Graciema Pacheco, com quem trabalhou como assistente na disciplina de Didática Geral, que era oferecida a estudantes de diferentes cursos.

Assim como seus mestres, Merion, que anos depois seria diretora da Faculdade de Educação (Faced) por duas gestões (1996-2000 e 2000-2004), experimentou a difícil tarefa de ser professora no período da ditadura militar. Ela revela que só se sentia um pouco mais protegida porque possuía dupla cidadania por ser casada com um francês: “Eu poderia ir embora se fosse o caso”, justifica.

Mesmo assim, narra um episódio ocorrido no final de uma de suas classes, durante as quais estimulava sua turma a falar, discutindo diversas questões com espírito crítico. Ao sair, um de seus alunos, após comentar que gostava muito de suas aulas, pediu que ela falasse um pouco menos sobre os temas que vinha abordando: “É que sou do DOPS”, avisou.

**Aulas magnas** – É como Merion define as aulas de seus professores durante o curso de Filosofia. Segundo a doutora em Educação, tanto Fiori, quanto Graciema e Bornheim evidenciavam o completo domínio do conteúdo, e mesmo sendo encontros eminentemente expositivos eram capazes de prender a atenção de uma classe.

“É o retrato de uma época”, avalia a educadora. Entretanto, garante que o domínio do conteúdo, bem como a fluência em abordá-lo em sala de aula, ainda são condições importantes para ser professor universitário.

A exigência intelectual para com seus alunos, característica comum entre os catedráticos, é outro aspecto que Merion considera positivo e que deve permanecer na prática pedagógica ainda hoje. Mas não é isso que vem ocorrendo, observa a docente, para quem a democracia tem sido confundida com a permissividade. “As pessoas precisam ser exigidas de alguma forma, para se superarem, não para serem oprimidas. Aprender é ir mais além e acho que foi isso que me marcou com esses meus mestres.”

Mesmo sendo amiga pessoal de Gerd, Merion conta que ele nunca facilitou ou exigiu menos dela. Como para suas aulas era necessário ler muito, ela e os colegas tinham grupos de discussão e se reuniam sempre depois das atividades na universidade. Sentavam-se do outro lado da rua do prédio hoje chamado de Anexo I da reitoria, para discutir filosofia no bar do Mário: “Era ali nosso ponto de encontro e de discussão”.

**Paixão** – No ano em que o Colégio de Aplicação completou 50 anos, em 2004, Merion participou da festa de comemoração. Quando ela se preparava para ir embora, um jovem senhor aproximou-se, pediu licença aos filhos que a acompanhavam e falou: “Essa aqui foi a primeira mulher por quem me apaixonei”. A professora achou graça da espontaneidade de seu ex-aluno.

Diferente das dos catedráticos, as aulas de Merion nunca foram eminentemente expositivas, pois ela sempre condenou práticas pedagógicas que se baseassem apenas no conhecimento técnico ou teórico dos professores. Ela raramente falava mais do que 15 minutos em uma disciplina com uma hora de duração.

“Quem tem de dizer alguma coisa são eles [os alunos]. Eles é que precisam pensar, usar a cabeça, raciocinar, discutir. Nas minhas disciplinas sempre foi assim”, explica. E confessa ter aprendido isso com seus alunos do Colégio de Aplicação “meninos muito desafiadores, que liam, frequentavam o teatro, estudavam inglês e francês”.

Por certo não foram somente os olhos azuis de Merion que ficaram cravados na memória

do ex-aluno que ela reencontrou na festa do Aplicação, mas a forma dela conduzir suas aulas.

Para a educadora, o conceito de didática é a criação de um ambiente propício à aprendizagem. Noção que aprendeu com Graciema Pacheco que, apesar de moralmente rígida por sua criação católica, foi capaz de idealizar um colégio inovador e intelectualmente instigante, desacomodando a letargia cognitiva dos alunos.

Para ilustrar, Merion lembra de uma de suas turmas de didática, com alunos do curso de Educação Física. Ela e a colega com quem dividia a responsabilidade pela disciplina resolveram colocar em prática umas leituras novas que vinham fazendo sobre a metodologia de Roger. “Preparamos uma sala ambiente com toca-discos, gravuras e vários outros objetos.” Os alunos entraram, sentaram, e permaneceram calados, esperando alguma instrução.

Só que não houve instrução, mas uma pergunta: “O que vocês querem fazer? O que vieram fazer nessa disciplina?”. O silêncio continuou. Nova pergunta: “Não tem nada para fazer aqui? Pensem mais um pouco”. Apenas na terceira aula consecutiva sem conhecer a voz de seus alunos é que as professoras ouviram: “Tudo bem, nós vamos fazer alguma coisa”. No final do semestre, um dos alunos mais atléticos pediu a Merion que olhasse bem para ele e conferisse se não estava saindo fumaça de sua cabeça.

“O procedimento [que envolveu outras propostas além daquela que desencadeou todo o processo] era didático, pois fez com que os estudantes pensassem. O conteúdo era o de menos, o que valia era a provocação, o desafio”, resume Merion que no final da década de 50 e início dos anos 60 foi intelectualmente desafiada pelas “inesquecíveis aulas magnas” de seus grandes mestres.

**Hábito** – Merion costuma dizer que estudar exige esforço, que aprender não é um fenômeno que ocorre por milagre: “É preciso muito trabalho, significa dedicar algum tempo para aquele assunto. Você tem de criar o hábito de sentar diante de um livro, nem que seja para ler dez páginas por dia, e que saiba dizer depois sobre o que leu”. O problema, segundo a professora, é que as crianças não são alfabetizadas além de “juntar letrinhas”, por isso quando adultos têm dificuldade de entender e interpretar o que leem.

E a deficiência escolar de base fica ainda mais grave, na avaliação da professora, quando o estudante chega à pós-graduação com carências como o domínio de um ou mais idiomas além do português: “Fico muito assustada com os alunos que não conseguem ler nem em espanhol. No pós-graduação não admito, mas cada vez mais isso ocorre”, reclama. Isso acontece “porque não se exige em lugar nenhum que esse aluno saiba outro idioma”, critica. “Fiz exame oral de latim para entrar na universidade”, compara, “e estudei francês e inglês no ginásio”, acrescenta.

Ainda que alguns estudantes argumentem falta de tempo para estudar porque trabalham, mais uma vez, Merion fala de determinação, hábito e sistemática. Ela fez duas graduações trabalhando. Durante o curso de Direito, era secretária executiva do diretor de uma grande empresa, com uma jornada diária de oito horas: “Eu nunca podia sair antes, só fui liberada no último ano”, recorda.

Mas como a Faculdade de Direito tinha frequência livre, Merion estudava à noite na casa de uma colega que frequentava às aulas, fazendo intermináveis anotações a partir dos apontamentos da amiga. E, quando podia assistir às aulas anotava tudo, todas as falas dos professores, usando sua habilidade como taquígrafa. “Depois transcrevia e passava para o povo”, diverte-se ao lembrar.

## Lições em casa

O pai de Merion era jornalista autodidata e dono de extensa cultura. Quando saía para trabalhar, dava à filha de oito anos de idade um assunto sobre o qual ela deveria fazer uma redação. Quando ele voltasse depois do expediente, a menina deveria contar sobre o que escrevera. A professora relembra uma noite, por volta dos anos 1940, quando a França havia

sido ocupada pelos nazistas: Merion e sua mãe ouviam a BBC de Londres, que transmitia uma missa na Catedral de Notre Dame, na qual as pessoas rezavam porque Paris estava sendo invadida. “Querida que meus filhos lembrassem de algo assim. Eles sabem muita coisa, mas eu, na idade deles sabia muito mais”, comenta sobre as lições que aprendeu em casa.